

Considerações finais

Até ao século XVI, as mais régias das igrejas eram as de um mosteiro (Alcobaça, Batalha, Jerónimos ou Tomar) e não uma catedral. Com a construção das sés joaninas a iniciativa artística deslocou-se para as catedrais, numa aliança entre poder do monarca e poder dos bispos – mas a referência dos Jerónimos não terá passado despercebida. Por outro lado, aos bispos pertenciam as catedrais, por definição, sendo que os longos estaleiros das Sés Joaninas, para além de merecerem toda a devoção do *Piedoso*, são indissociáveis da marca dos bispados.

A solução para o problema arquitectónico das novas sés reside numa “criação especificamente nacional”¹⁸³, traduzida na concepção de igrejas-salão de três naves, que conjugam no seu espaço interior uma cobertura em abóbadas de cruzaria e suportes de sabor clássico, derivados da tratadística italiana. Divergindo das construções que apresentam o corte basilical, estas sés têm, portanto, três naves à mesma altura (aspecto já induzido, nas igrejas episcopais, pela reformulação da Sé de Viseu), característica que aliada à franca iluminação e o facto de se encurtar o corpo das naves, comparativamente à generalidade das sés anteriores, origina numa nova espacialidade mais unificada e contínua.

A arquitectura é de grande depuração e monumentalidade, marcada pela clareza estrutural transposta para o exterior dos templos numa concepção chã de fachadas. A imagem oferecida à cidade traduz não só o momento de austeridade religiosa que se vivia, mas essencialmente a influência que a arquitectura militar teve na sua concepção. Importa lembrar que esta depuração dos edifícios, e dos próprios elementos, não resulta da ausência de conhecimentos e capacidades técnicas dos arquitectos, mas reflecte um esforço no sentido da procura de uma arquitectura, simples, de fácil reprodução e económica – a arquitectura que Kubler, na segunda metade do século XX, denominou de chã¹⁸⁴.

A riqueza de composição das plantas exemplifica a competência dos seus autores. Os projectos apresentam um grande rigor de desenho, fazendo uso da proporção matemática, quer na definição geral, quer na relação entre as partes. Da análise efectuada verificou-se que as catedrais de Leiria e Portalegre apresentam sobre o espaço das três naves a definição de um duplo-quadrado, desde a entrada até ao arco da capela-mor, e de proporções sesquiálteras, 3:2, desde a entrada até ao transepto, “na tradição das grandes catedrais espanholas”¹⁸⁵. Esta

183 CORREIA, José Eduardo Horta – “A arquitectura: maneirismo e «estilo chão»”. In SERRÃO, Vitor – *História da arte em Portugal*, 1986. Vol. 7, p. 104.

184 KUBLER, George – *A arquitectura portuguesa chã: entre as especiarias e os diamantes, 1521-1706*. Lisboa, 1988, p. 172.

185 MOREIRA, Rafael – “Arquitectura: Renascimento e Classicismo, a Resistência Nacional e o Problema do Estilo Chão”. In PEREIRA, Paulo, dir. – *História da Arte Portuguesa*. Lisboa, 1995, Vol. 2, p. 356.

QUADRO DE CONSTANTES			
CRITÉRIO	Sé de Leiria	Sé de Portalegre	Sé de Miranda
Proporção das naves até ao arco da capela-mor em planta	2:1	2:1	3:2
Proporção dos tramos das naves até ao transepto em planta	3:2	3:2	7:6
Proporção do perímetro exterior	3:2	2:1	3:2
Proporção da capela-mor em planta	3:2	4:3	2:1 (4:3)
Proporção da nave central em corte até linha dos capitéis	3:2	3:2	3:2
Proporção da nave central em corte até abóbada	2:1	2:1	2:1
Proporção do corpo da igreja em corte até linha dos capitéis	3:2	3:2	9:5
Proporção do corpo da igreja em corte até abóbada	6:5	8:7	4:3
Proporção dos tramos do cruzeiro	1:1	1:1	1:1
Proporção dos tramos laterais ao cruzeiro	3:2	3:2	4:3
Proporção dos tramos centrais das naves	13:11	8:7	1:1
Proporção dos tramos laterais das naves	4:3	4:3	4:3



1. Espaço interno da catedral de Granada (final da década de 1520), exemplificando as soluções que de algum modo foram adoptadas nas Sés Joaninas pelos arquitectos do reino português. Em várias catedrais espanholas fez-se uso da abóbada de nervuras e de suportes de inspiração clássica. No entanto, o espaço das Sés diferencia-se essencialmente por apresentar os característicos pilares de secção cruciforme, de grande depuração e monumentalidade, diferentes dos suportes espanhóis.

semelhança levou a constatar que se na traça mirandesa fosse introduzido um tramo no espaço das naves, ficando esta com quatro também, as harmonias gerais seriam, segundo os mesmos critérios, idênticas para as três sés joaninas. Neste facto basearam-se os projectos conjecturais da traça primitiva da Sé de Miranda do Douro, após se assumir a desproporção nítida entre espaço das naves e espaço da cabeceira daquela que é uma das poucas igrejas de três naves à mesma altura a norte do país. Se nova documentação o vier a confirmar, este poderá ser um dos casos mais curiosos da nossa arquitectura.

No que se refere à proporção sobre a nave central em altura, pode-se concluir em todos os templos que a harmonia desenhada até à linha superior dos pilares é sesquiáltera. Já sobre a relação entre tramos, as semelhanças mantêm-se e a visão que melhor se adapta às medidas é a de que a “largura das naves laterais iguala metade da diagonal traçada sobre os tramos centrais”¹⁸⁶.

Com as mesmas proporções, verifica-se o aumento progressivo das dimensões gerais das sés - de Miranda do Douro para Portalegre e de Portalegre para Leiria, numa razão de aproximadamente 6:5 (1,2). A mesma relação aproximada de escala aplica-se também às medidas de vários elementos constituintes, tais como as paredes e pilastras interiores, que reduzem em 1:5 e 1:10 respectivamente o módulo do cruzeiro.

Os robustos pilares cruciformes que diferenciam o espaço interno das novas sés da maioria das catedrais castelhanas mantêm a regra, aumentando proporcionalmente até à colossal escala leiriense¹⁸⁷, evidenciando a configuração de bases áticas e capitéis de inspiração da tratadística teórica italiana. Enquanto em Leiria e Portalegre os capitéis são quase iguais entre si e ao modelo dórico definido por Serlio (ainda mais no caso portalegrense), na catedral transmontana são mais simples, apresentando um aspecto mais rude muito possivelmente devido às características da pedra e à interferência da mão-de-obra local.

Sendo os três projectos traçados no atelier da corte, e dada a proximidade da criação das dioceses e as semelhanças entre planos catedralícios, torna-se evidente que a autoria das plantas das três catedrais está centrada num só personagem. A julgar pelas várias influências presentes nas obras – da arquitectura militar, do gótico tardio e das igrejas espanholas, do renascimento e da tratadística –, tratava-se de uma figura ecléctica e de muita experiência em grandes estaleiros. Esse arquitecto seria com certeza Miguel de Arruda, «Mestre das Obras da Fortificação do Reino, Lugares d’Além e Índia» desde 1548-1549, que detinha o controlo sobre

186 RODRIGUES, Luís Alexandre – *De Miranda a Bragança: arquitectura religiosa de função paroquial na época moderna*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, Vol.1, p. 185.

187 Os pilares do corpo das naves têm de altura em Miranda 50 palmos (11 metros), em Portalegre 60 palmos (13,20 metros) e em Leiria 72 palmos (aproximadamente 16 metros).



2. Algumas das possíveis influências de cada catedral joanina.

todas as obras régias à altura e que fez a viragem do primeiro renascimento português para o estilo chão, passando pela arquitectura militar. A reforçar esta opinião surgem ainda aspectos de desenho semelhantes evidenciados em outras obras da sua autoria, e a carta de D. Turíbio Lopes, a quem D. João III em 1552 “mandou que de sua parte escrevesse aos ditos mestres aqui [em Lisboa] para falar com Miguel da Ruda e praticarem na dita obra onde estiveram muitos dias”¹⁸⁸.

Apesar de todos estes factos convergentes, as três catedrais mostram vários aspectos claramente distintos. Em evidência a introdução de capelas laterais intercomunicantes em Portalegre, mais baixas que o corpo das naves, e que fazem do transepto um elemento incluso, contrariamente aos salientes de Leiria e Miranda. Na sé alentejana verifica-se ainda a introdução de cúpula sobre o transepto, das primeiras na arquitectura portuguesa.

As sés de Portalegre e Miranda do Douro, com coro alto e fachada entre torres, vão de encontro à tradição catedralícia nacional, da qual se afasta a sé de Leiria, onde só existe coro baixo na capela-mor possivelmente ampliada no decorrer dos trabalhos, e a torre sineira está separada da igreja, implantada sobre o torreão da antiga porta do Sol.

Apesar de nos três casos os alçados serem desenhados pela estrutura, a imagem que as catedrais oferecem à cidade é individualizada, seja pela composição volumétrica, escala, tratamento ou remate, contrariando um pouco a ideia de conjunto arquitectónico reconhecível. Em Miranda do Douro a fachada é toda em pedra aparelhada e ostenta uma composição retabular de carácter erudito. Os templos de Portalegre e Leiria apresentam panos rebocados definidos por pilastras-contraforte, mas enquanto no primeiro a composição, possivelmente inspirada na gravura de Serlio, é muito mais elaborada e diocesana, a fachada leiriense, pela ausência de torres, simplicidade e pureza de formas é a mais discreta e desligada da função religiosa.

Nota ainda para as interpretações de elementos como o coro alto, a capela-mor e as capelas laterais intercomunicantes, que convergiram para o pensamento tridentino, mas que não são de toda novidade em Portugal uma vez que vêm na sequência da reforma dos espaços catedralícios levada a cabo por D. Manuel. Em Miranda e Portalegre, a introdução de coro alto permitiu simultaneamente a visibilidade do altar e a eficaz separação de clero e leigos, privilegiando a continuidade espacial, e as capelas intercomunicantes permitiram libertar a nave alinhada com a capela do Santíssimo Sacramento que também se pretendia bem visível, uma vez que ganhara importância com o concílio de Trento.

188 VITERBO, Sousa – *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*. Lisboa, 1988, Vol. 3, pp. 134-137.

Resumindo, de toda a análise arquitectónica conclui-se que a base dos projectos catedralícios de Miranda do Douro, Leiria e Portalegre foi a mesma e assenta no uso do pilar cruciforme com definição de capitel, na adopção de um sistema de cobertura em abóbada de ogivas planas, e no desenho da proporção de duplo quadrado, desde a entrada até à capela-mor, e da proporção sesquiáltera (3:2), até ao transepto.

Partindo deste princípio unitário surgiram então três variantes individualizadas. Se em Miranda do Douro possivelmente se fez sentir a proximidade geográfica com Castela, e especificamente com o pólo de Salamanca, em Portalegre o tratado de Serlio pode ter sido o principal responsável pelo desenho da fachada e a introdução de elementos como a cúpula e as capelas laterais intercomunicantes. Já o caso leiriense, tendo sido o primeiro dos três projectos para as novas sés a ser concebido, tem um carácter mais experimental e uma imagem da qual nenhuma outra igreja construída de raiz para a função se aproxima. Pode verificar-se alguma semelhança no plano com o projecto da catedral portuguesa precedente imediata – a do Funchal, muito embora esta tenha sido adaptada a sé e não erigida de origem para o efeito.

No final, retira-se a ideia da evolução da arquitectura episcopal portuguesa no sentido da unificação, de um espaço mais contínuo e da proximidade do altar, em três exemplos plenos de funcionalidade, clareza e harmonia. Como obras principais da arquitectura religiosa, as catedrais joaninas terão influenciado a vaga de construções chãs de onde se destacam as igrejas “colunárias”, de menor escala, cuja diferença fundamental é a substituição dos característicos pilares das sés por colunas de capitéis renascentistas. No fundo, as características da arquitectura religiosa nacional foram anunciadas primeiramente nas novas Sés.

Destaca-se ainda o facto das construções em estudo serem as últimas criadas de raiz em solo continental para as funções de catedral. Após o período joanino não mais se voltou a projectar uma sé até 1963¹⁸⁹. As novas dioceses que foram criadas instalaram-se em igrejas adaptadas, como sucedeu imediatamente a seguir relativamente a Elvas (1570), onde a Sé foi criada na igreja de Nossa Senhora da Assunção (1517). Assim pode-se dizer que, em conjunto com a catedral de Goa (1571), a maior de todas, as Sés de Leiria, Miranda do Douro e Portalegre encerram, de algum modo, a arquitectura episcopal portuguesa. Actualmente, nas cidades antigamente sede de dioceses, muitos aspectos à volta das catedrais podem ter mudado, mas há uma característica que se mantém e que as eterniza – o grande valor simbólico da arquitectura episcopal.

189 Em 1963 concebeu-se o projecto para a catedral de Bragança, mas que não foi realizado.

Fica a faltar neste trabalho uma interpretação mais séria da relação entre arquitectura e liturgia, bem como uma análise aprofundada dos elementos que representam, em obra, os ideais tridentinos. Resta a satisfação de apresentar desenhos minimamente rigorosos das construções em estudo, como nos propusemos no início. É uma primeira tentativa, mas espera-se que pelo menos contribua para que surjam novas investigações e levantamentos sobre estas igrejas relativamente esquecidas pela historiografia nacional – as Sés Joaninas.